



Juventudes Amazônidas

Um chamado para a mobilização



Apoio:





Juventudes Amazônidas

Um chamado para a mobilização



Fundação Amazônia Sustentável (FAS)
2022

FICHA TÉCNICA

Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

Superintendência

Virgílio Viana - Superintendente Geral

Valcléia Solidade - Superintendente de Desenvolvimento Sustentável de Comunidades

Víctor Salviati - Superintendente de Inovação e Desenvolvimento Institucional

Luiz Villares - Superintendente Administrativo-Financeiro

Michelle Costa - Superintendente de Gestão e Planejamento

Programa de Soluções Inovadoras (PSI)

Gerência: Gabriela Sampaio

Coordenação: Giovana Figueiredo

Equipe técnica: Rayandra Araújo

Programa de Educação e Sustentabilidade (PES)

Gerência: Fabiana Cunha

Supervisão: Natália Wagner

Juventudes Amazônidias: Um chamado para a mobilizAÇÃO

Coordenação executiva: Natália Wagner e Giovana Figueiredo

Texto: Natália Wagner, Rayandra Araújo e Gabrielly Lima

Revisão: Júlia de Freitas e João Cunha

Projeto gráfico: Bosco Leite

Foto-capa: Samara Souza



***“Meu neto, terá de aprender a voar antes de começar a sua jornada:
para ser um pajé completo é preciso saber três coisas:
Interpretar os sonhos que sonha e os sonhos que os outros sonham;
Voar para experimentar a liberdade e
nunca usar seus poderes para dominar as pessoas”.***

(trecho do livro “Um Estranho Sonho de Futuro” de Daniel Munduruku)

SUMÁRIO

01

Eu sou Amazônia p.7

02

Conhecendo meu território de transformação p.9

03

Não estou sozinho p.13

04

Eu, agente de transformAÇÃO p.15

05

Quem caminha do meu lado: Inspirações de ativistas pela Amazônia Viva p.19

06

Projetos para conhecer e se engajar p.36

“Eu sou a Amazônia”

01

Você já parou para refletir quantos jovens temos no Brasil? Segundo o Atlas da Juventude (2021), o Brasil possui cerca de 50 milhões de jovens, isso representa quase 1/4 de toda nossa população.

Estas juventudes se distribuem de forma distinta pelo território brasileiro. Em 2019, a região Norte apresentava 43,0% da população da região com menos de 24 anos de idade. É nesta região que se destacam as capitais com as maiores taxas de juventude: Palmas (TO) é a capital da juventude, cuja taxa supera a do país em 25%. Seguida por Rio Branco (AC), Porto Velho (RO), Boa Vista (RR), Manaus (AM), Belém (PA) e Macapá (AP).

Mas estas porcentagens, mesmo parecidas, não representam uma simples unidade, um bloco, nem tampouco algum tipo de homogeneidade. As juventudes do Brasil, mais do que nunca, clamam por espaço, por representatividade e pelo direito à diversidade.

Juventudes indígenas, ribeirinhas, brancas, pardas, negras, quilombolas anseiam por educação, profissionalização, trabalho e renda, cultura, lazer, esporte, comunicação, segurança, saúde, mobilidade, participação social e política - anseiam pelo direito ao território e por construir e reconstruir, a partir dele, suas identidades. Os desafios e as potências dessas juventudes marcadas pela invisibilidade ao longo de séculos são determinantes na construção de políticas e ações públicas que dialoguem com suas especificidades e heterogeneidades.

Ser jovem amazônida é crescer ouvindo dos mais velhos sobre o passado, época dos igarapés limpos, onde nossos avós brincavam nas margens todo fim de tarde, mundo

onde não existiam smartphones e redes sociais, mas o verde das florestas era bem mais presente. A cada dia que passa, aumenta a dificuldade da nossa juventude em imaginar esses tempos. A poluição dos igarapés faz com que eles deixem de ser uma paisagem a ser apreciada e as pessoas que vivem em seu entorno passam a vê-lo como um problema. Nas comunidades ribeirinhas, as alterações do rio e as queimadas tornaram-se preocupações constantes, interrompendo os ciclos naturais, as cheias-vazantes, as florações, a pesca, o manejo e com isso a rotina das populações. Ser jovem amazônida agora é vivenciar todos esses desafios e sentir na pele a incerteza do futuro.

Ser jovem e ter a prerrogativa de nascer amazônida é quase um dom, é ter correndo no sangue um pouco das águas que correm nos rios, nos paranás, nos igarapés. É ter no peito a força das águas que fazem terras cair, e a habilidade de moldar leitos, caminhos e futuros.

Nascer amazônida também é privilégio, afinal somos destino turístico e objeto do olhar do mundo inteiro, que se encantam, se conectam e não veem a hora de vir ou voltar aqui, isso quando não acabam decidindo ficar por aqui mesmo. Quem não conhece alguém que tenha nascido fora, mas se encantou com nossa terra?

A Amazônia é mesmo marcante, abundante e cobiçada pelo mundo, difícil mesmo de esquecer e impossível de não se envolver. Nossa cultura, nossa comida, nossos rios e nossa floresta são únicos, assim como os nossos povos. Mas há quem desconheça a importância de tudo isso, se recuse a respeitar, que insista em inferiorizar, tomar e destruir. Para essas pessoas, que desconhecem o que é ser e viver na Amazônia, somos obstáculos, ocupando os espaços, casas, as florestas e os rios. Estando onde, para eles, não deveríamos estar. Nascer amazônida é nascer defensora em uma luta compartilhada entre todos os que nela habitam pela proteção de tudo o que torna essa terra nosso lar. Então vamos lá? Vamos lutar!



Foto: Samara Souza

“Conhecendo meu território de transformação”

02

A Amazônia, longe de ser um objeto de estrutura semelhante em todos os lugares, é uma região tão diversa quanto complexa e única. Ela caminha fazendo jus ao imaginário comum de que a Amazônia é a floresta, as árvores, mas não só. A Amazônia é a mata, os animais, mas não só. A Amazônia são os povos, mas não só.

A Amazônia é comunidade ribeirinha e indígena.

A Amazônia é periferia.

A Amazônia é cidade.

A Amazônia é os povos que habitam e sobrevivem dela.

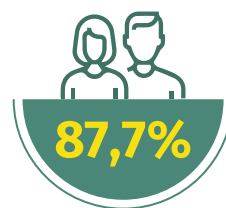
A Amazônia é o presente, o passado e o futuro.

Por isso, precisamos nos empoderar do lugar que vivemos, da maneira que vivemos e com os iguais com os quais vivemos. Somos a Amazônia e temos um dever com ela!

Atualmente, nosso território passa por diversos desafios. Com os índices de desmatamento e queimadas estão cada vez mais alarmantes, fumaça para todos os lados, fortes cheias e secas, inúmeros impactos causados pelas mudanças climáticas e atividades ilegais que ameaçam a saúde, o meio ambiente e a vida amazônica. Com tudo isso fazendo parte do nosso dia a dia a vida se torna cada vez mais necessário a mobilização de todas as gerações em prol da Amazônia, e como juventudes, temos uma grande responsabilidade: **somos a última geração que pode salvar a Amazônia.**



dos jovens de 16 a 24 anos na Amazônia Legal concordam totalmente **que as escolas deveriam ensinar mais sobre a Amazônia**



dos jovens de 16 a 24 anos na Amazônia Legal concordam totalmente **que a conservação da Amazônia precisa fazer parte do plano de governo dos candidatos à presidência nestas eleições.**



dos jovens de 16 a 24 anos na Amazônia Legal concordam totalmente **que o país deve ter leis mais severas contra o desmatamento.**



dos jovens de 16 a 24 anos na Amazônia Legal concordam totalmente **que o garimpo causa a poluição das águas por mercúrio e isso contamina os peixes e afeta negativamente sua saúde e a da sua família.**

Segundo os dados da pesquisa de opinião pública feita pelo Instituto de Pesquisa Action, em 2022, encomendada pela FAS, o meio ambiente ficou como o sexto assunto mais importante para ser abordado dentro de um debate político, sendo, respectivamente, com maior porcentagem: saúde, educação, combate à corrupção, segurança e emprego. Mas o que precisamos ter em mente desde o início é que falar de Amazônia é também falar **sobre todos esses temas.** Falar de meio ambiente é mais do que falar da vegetação e vida animal: é também sobre ser humano e tudo o que ele precisa para viver uma vida integral, digna e plena dentro do seu modo de ser e viver.

Por meio da bioeconomia, geramos um modelo econômico que caminha de mãos dadas com o desenvolvimento sustentável: pelo manejo sustentável, é possível gerar fonte de renda para milhares de famílias que sobrevivem da Amazônia e pela luta por políticas de educação, combate à corrupção e segurança, conseguimos empoderar centenas de crianças e jovens com educação de qualidade, assegurar vidas e transformar perspectivas e sonhos que futuramente irão empoderar outras pessoas e farão a manutenção do nosso território.



MUDANÇAS CLIMÁTICAS

De acordo com último relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão das Nações Unidas(ONU) responsável por produzir informações científicas a respeito da Mudança do Clima, 278 cientistas de 65 países mostram que, para que tenhamos a chance de manter ao alcance o limite de 1,5°C estabelecido pelo Acordo de Paris, precisamos mudar agora e preparar para o impacto, já que é inevitável que já estamos sentindo as consequências da mudança do clima. As piores previsões dos cientistas estão se tornando realidade mais rapidamente do que o esperado, os pontos de ruptura estão se aproximando e o único nível aceitável é zero emissões de carbono na atmosfera o quanto antes. E um dos nossos maiores papéis nisso é promover o debate qualificado e pressionar para acordos e políticas públicas nacionais e internacionais que fomentem um modelo zero carbono.



DESMATAMENTO

De acordo com o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon), no ano de 2021, foram destruídos 10.362 km² de mata nativa da floresta amazônica, o que equivale a metade de Sergipe, sendo 29% maior do que o desmatamento em 2020. Além disso, o monitoramento por satélite da Amazônia brasileira mostra que o desmatamento tem se intensificado no bioma desde 2012. Entre agosto de 2020 e julho de 2021, a Amazônia perdeu 13.200 km² – a maior taxa de desmatamento em 15 anos (INPE, 2021).

Fonte: <http://terrabrasilis.dpi.inpe.br/>



GARIMPO EM TERRAS INDÍGENAS

Em 2021, a destruição provocada pelo garimpo na Terra Indígena Yanomami cresceu 46% em relação a 2020. Houve um incremento anual de 1.038 hectares, atingindo um total acumulado de 3.272 hectares. Esse é o maior crescimento observado desde o início do monitoramento em 2018e, possivelmente, a maior taxa anual desde a demarcação da Terra Indígena Yanomami em 1992.

Fonte: YANOMAMI SOB ATAQUE GARIMPO ILEGAL NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI E PROPOSTAS PARA COMBATE-LO. Hutukara Associação Yanomami Associação Wanasseduume Ye'kwana. 2021.



RACISMO AMBIENTAL

Mais de 7,5 milhões de pessoas vivem nas capitais de nove estados brasileiros abrangidos pelo bioma Amazônico. Para elas, a destruição da floresta não é a ameaça mais direta, mas sim a falta de infraestrutura crônica nas zonas urbanas. Nessas cidades, moradores que vivem sem acesso a direitos básicos previstos na Constituição brasileira – como saneamento básico, energia elétrica e moradia digna – são em sua maioria negros, pardos ou indígenas, sendo essas, as pessoas mais afetadas pela crise climática.

<https://www.brasildefato.com.br/2022/03/30/na-amazonia-urbana-pessoas-negras-e-indigenas-serao-principais-vitimas-de-mudancas-climaticas>

A participação política e a defesa da democracia são questões básicas e necessárias para garantir os direitos e deveres de todos. Na questão do jovem atuando como protagonista no seu território, espera-se dele uma voz ativa desde a infância, e principalmente a partir da possibilidade de exercer o seu direito ao voto, ou seja, a partir dos 16 anos de idade.

É importante também que a região Norte preserve espaços de existência, cultura, identidade e, de forma sustentável, se utilizem dos recursos naturais e imensa biodiversidade para seu desenvolvimento. Para isso, nada melhor do que uma juventude que possa dar continuidade a tradições regionais, com valorização da cultura e dos espaços do território onde ele vive, mas também propor mudanças em antigos paradigmas e inovadoras alternativas que conversem com o mundo atual. As juventudes podem contribuir ativamente para a transformação da realidade, atrelada ao conhecimento da realidade e da identidade sociocultural dos jovens que dela participam.

Não estou sozinho

03

Como eu posso transformar meu território?

Você sabe o que significa atuar em rede? Não é rede de pesca e nem das redes sociais que estamos falando... ou é? A atuação em rede é um dos caminhos possíveis para a cooperação entre atores em busca de um objetivo comum. Buscar convergências de ações, compartilhar saberes e complementar potenciais, permitindo a ampliação do nosso alcance, engajamento e impacto como líderes e influenciadores de mudança. Para isso, é importante facilitar e promover a conexão entre jovens, sempre valorizando a diversidade de pensamentos e o respeito.

Existem várias maneiras de atuar em rede: desde a participação em coletivos organizados até a simples troca de experiências em prol de um objetivo comum. Na realidade amazônica, apesar das enormes distâncias geográficas, a juventude tem se mostrado cada vez mais engajada e pronta para promover mudanças em suas realidades e enfrentar os desafios de seu cotidiano - principalmente aqueles relacionados à crise climática e à desigualdade social.

Quando buscamos resolver problemas complexos e sistêmicos, como a pobreza, a falta de representatividade, o acesso a direitos básicos, a ação coletiva tem um papel fundamental de fazer ecoar as vozes da Amazônia. Isso significa que, a partir do reconhecimento e da valorização do individual, a ação coletiva é a maneira de dar escala, multiplicar e fortalecer o nosso ativismo em prol do desenvolvimento justo que desejamos para nossa região.

Podemos atuar em redes de diversas maneiras, mas todas elas partem da mesma premissa: precisamos estar dispostos a cooperar, engajar, nos relacionar e nos responsabilizarmos, individualmente, com a mudança que queremos promover, sabendo que cada um tem um papel a executar e uma voz a fazer ecoar.



Eu, agente de transformAÇÃO

04

Como posso atuar? Pensando juntas em formas e ferramentas de mobilização de alto impacto

Já foi chamada de problematizadora ou problematizador? Saiba que em todos movimentos sociais, ativistas e mobilizadores não são apenas questionadores das diferentes realidades, mas são organizações e pessoas que não têm medo de “colocar a mão na massa” para fazer acontecer, o que pode ser feito de diversas formas.



Mobilização de Pessoas

O que faz com que uma pessoa se una a uma causa? Será que é o discurso bonito de quem a defende, os adesivos criativos sobre o tema ou a oportunidade de ação que é ofertada a ela? Esse tipo de mobilização, cujo objetivo é engajar mais pessoas e grupos, deve propor alternativas de solução ou mitigação do problema abordado, envolvendo uma chamada direta que transforme os incômodos de quem ouve em ações práticas, como, por exemplo: fazer parte do movimento, participar de uma ação pontual ou apoiar a causa disseminando o conteúdo para outras pessoas.



Mobilização de Espaços

Você já deve ter participado de algum projeto escolar ou universitário onde teve que usar uma cartolina para resumir um tema específico que poderia ser Amazônia. Agora imagina se fizesse parte dessa atividade sair da escola e andar pelas ruas da sua cidade segurando esse cartaz conscientizando outras pessoas, imagino que muitos perguntariam o porquê da ação e poderiam se interessar sobre o conteúdo. Pense agora se todos da sua turma estivesse com você nessa caminhada, acredito que chamaria uma atenção ainda maior, certo? Isso seria um exemplo de mobilização em espaços, envolvendo a definição de um tema, participação de um grupo engajado, produção de conteúdos e impacto no cotidiano de outras pessoas. É importante lembrar que em alguns espaços são necessárias autorizações, então sempre verifique.



Mobilização em Redes Sociais

Muitas ações de cunho político e social se fortaleceram com a expansão das ferramentas de mídias digitais. A internet e as redes sociais contribuíram para uma nova forma de fazer política em contraponto à política tradicional e esses conteúdos conseguem gerar tanto impacto nos espaços digitais que se torna possível a elevação do debate sobre o papel dos movimentos sociais e até mesmo dar outro tom na maneira de se fazer campanhas eleitorais.

Além disso, muitos jovens iniciaram suas vidas no ativismo através de mobilização nas redes sociais, provavelmente você conhece algum exemplo, não é mesmo?

A força da mobilização nas redes

Você sabia que em 2020, o movimento Black Lives Matter chamou a atenção do mundo através das mídias sociais? Em resposta ao assassinato de Trayvon Martin, o movimento surgiu como um grito de guerra para a comunidade negra, exigindo justiça, destacando a brutalidade policial e protestando contra o racismo sistemático nos Estados Unidos e em todo o mundo. Durante seu período de atuação, o movimento promoveu protestos, comícios e ativismo político tanto online quanto no espaço público. Nas redes sociais o movimento foi intenso e diverso, chegando a serem criados guias para protestos, que gerados a partir de anos de experiência, foram prontamente compartilhados no Twitter e no Instagram. Modelos de e-mail e telefonema foram pré-programados e distribuídos em massa. Além da realização de webinars sobre a abolição da polícia, se tornando um marco do ciberativismo. O uso das mídias sociais permitiu que grupos desatendidos pela grande mídia tivessem acesso a uma plataforma não somente para advogar suas ideias, mas para conectar pessoas ao redor do mundo que compartilham dos mesmos ideais, além de organizar atos que impactam a vida off-line.

Quem não lembra da grande repercussão e mobilização nas redes sociais após o desaparecimento de jornalista Dom e do indigenista Bruno. Os dois denunciavam crimes ambientais contra os povos indígenas na Amazônia, foram vistos pela última vez no dia 5 de junho de 2022, na Terra Indígena do Vale do Javari, na cidade de Atalaia do Norte, no Amazonas. As buscas ganharam grande reforço de artistas, jornalistas e figuras importantes nacionais e internacionalmente nas redes sociais, o que resultou em milhares de vídeos compartilhados, imagens e artes digitais, criadas, prédios iluminados. Infelizmente Dom e Bruno não foram achados com vida, mas a mobilização serviu para mostrar que podemos usar as redes sociais para ecoar as vozes nas causas e chamar atenção às denúncias de irregularidades junto aos povos amazônidas.



Mobilização Artísticas

Outra forma de mobilização que vem ganhando cada vez mais espaço, e que ao mesmo tempo sempre esteve presente, são as mobilizações artísticas ou “ativismo”. Esse tipo de articulação busca uma forma diferente e inovadora de fazer com que pautas importantes sejam compreendidas pela sociedade, como uma forma de fazer política através da literatura, pintura, teatro, cinema, música ou intervenção artística. Ou seja, o artista fazendo sua arte como forma de ativismo.

Você sabia?

O Greenpeace disponibiliza em seu site diversos materiais que servem como guia completo para te ajudar e dar apoio na realização das suas próprias mobilizações onde você pode encontrar diversas dicas para amplificar a sua causa.



Manifestações de Rua

A manifestação de rua é a forma de mobilização mais antiga. A liberdade de expressão e de manifestação é um ato amparado por lei.



Foto: Rodolfo Pongelupe

“Quem caminha do meu lado: Inspirações de Ativistas pela Amazônia Viva!”

05





Angela Mendes

Ângela, nascida no seringal Cachoeira, na cidade de Xapuri, no Acre, é ativista socioambiental, empreendedora social e presidente do comitê Chico Mendes. Após a morte de seu pai, o líder extrativista Chico Mendes, deu continuidade ao legado do ambientalista na luta pela preservação das florestas e dos povos tradicionais, nos moldes do aprendizado que o pai teve na luta pela preservação da Amazônia. Atualmente, ela lidera um movimento nacional de defesa das pessoas tradicionais e do meio ambiente no Brasil, lançou uma nova Aliança dos Povos da Floresta e criou uma série de iniciativas para fomentar uma nova geração de líderes ambientais nas unidades de conservação do Brasil, onde ela propõe um novo paradigma, trazendo a juventude para o centro da conservação e quebrando uma dinâmica predatória de uso da terra fortemente baseada na indústria pecuária e no agronegócio.

“Uma aliança hoje precisa incluir o conjunto da sociedade, precisamos levar as vozes dessas pessoas para fora da caixa, para que as pessoas que moram na cidade não acharem que elas não têm nada a ver com isso, o clima está descontrolado e a sociedade ainda não entendeu isso, nós não temos planeta B e é nosso dever, como população, cuidar desse planeta, que é o planeta A, A de Agora.” - Angela Mendes



Foto: fagtar.org

Joênia Wapichana

Joênia Wapichana, nascida em Boa Vista, Roraima, entrou para a história do Brasil sendo a primeira mulher indígena a eleger-se deputada federal. Antes disso, ela também foi a primeira indígena a se formar em Direito no país, em 1997, pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Pouco mais de 10 anos depois, em 2008, ela protagonizou outro marco no Tribunal Federal (STF) ao ser a primeira advogada indígena da história a realizar uma sustentação oral na Corte, durante o julgamento que definiu a demarcação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol (RR). Desde que chegou ao Congresso Nacional, Joênia é uma das principais vozes no debate em defesa pelos direitos dos povos originários.

Em 2004 recebeu o Prêmio Reebok pela sua atuação na defesa dos direitos humanos, em 2010, foi condecorada com a Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura, e em 2018 recebeu o Prêmio de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU).

“Dizem que a terra dos Yanomami é muito grande e tem poucos índios. Mas esses poucos índios protegem o planeta inteiro”- Joênia Wapichama



Valcléia Solidade

Valcléia, nascida no território quilombola Murumuru, em Santarém no Pará, atualmente é superintendente de Desenvolvimento Sustentável de Comunidades da Fundação Amazonas Sustentável (FAS). Formada em Gestão Pública, possui mais de 20 anos de experiência atuação reconhecida em projetos como Saúde Alegria e o Programa Bolsa Floresta (PBF). Durante a sua gestão, o Bolsa Floresta se consolidou como um dos maiores programas de Pagamento por Serviços Ambientais do mundo, e ajudou a reduzir a desigualdade por meio da assistência a 40 mil famílias em 16 Unidades de Conservação (UC) do Amazonas.

Neste período, exerceu funções de mobilização social e processos participativos, planejamento e gestão de projetos nas áreas de empoderamento social, infraestrutura comunitária e apoio à geração de renda.

Val, como é conhecida na FAS, foi criada em um lar com pais envolvidos em movimentos sociais, o que mobilizou o seu processo de engajamento nas causas sociais e ambientais. Teve que superar dificuldades financeiras, familiares e as poucas possibilidades de estudo no território onde morava. Hoje em um cargo de chefia no Amazonas é sempre retratada por sua garra, força e positividade.

“Em tempos difíceis como esse, onde estamos em um cenário muito conturbado, onde as pessoas pararam de amar mais e se colocar no lugar do outro, precisa-se valorizar mais as outras mulheres. Precisamos nos unir e nos apoiar mais. Precisa haver um pouco mais de laço e paixão” - Valcléia Solidade



Foto: acervo FAS

Sonia Guajajara

Sônia Guajajara, nascida na Terra Indígena Arariboia, no Maranhão, é uma indígena que se destaca pelo ativismo indígena e ambiental, estando na linha de frente na luta contra vários projetos que ameaçam os direitos e a vida dos povos indígenas, bem como o meio ambiente.

Sônia é reconhecida internacionalmente, devido às dezenas de denúncias que já fez na Organização das Nações Unidas (ONU), no Parlamento Europeu e nas Conferências Mundiais do Clima (COP), de 2009 a 2021, sobre violações de direitos indígenas. A maranhense já viajou mais de 30 países na luta pelos seus ideais. Com uma grande trajetória de ativismo, ela entrou para a lista das 100 pessoas mais influentes do mundo, feita pela Revista Time.

“Nós, mulheres indígenas, vamos aldear a política para estar nos espaços em que as decisões são tomadas, e impactam diretamente a vida de todas e todos os brasileiros.” - Sonia Guajajara



Manoel Cunha

Manoel Cunha, nascido e criado no Médio Juruá, na cidade de Carauari, no Amazonas é líder comunitário, extrativista e ativista ambiental. Ex-presidente da Asproc (Associação dos Produtores Rurais de Carauari), ex-presidente e atual conselheiro do Conselho Nacional das Populações Extrativistas da Amazônia, o antigo Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), e ex-Membro do Conselho de Administração da Fundação Amazônia Sustentável.

Sem nunca ter tido educação formal, sendo alfabetizado por suas irmãs mais velha se diz um apaixonado pela conservação, e procura sempre meios de crescimento econômico no seu território, promovendo o fortalecimento das organizações extrativistas existentes na região.

Gestor da RESEX do Médio Juruá, composta por 528 famílias extrativistas, que formam 15 comunidades espalhadas por mais de 286 mil hectares da reserva, o seringueiro é um caso raro (só existem dois em toda a Amazônia!) de gente da base ocupando um cargo de gestão na autarquia federal.

Apesar da bonita trajetória, do que mais se orgulha é ser um seringueiro que conseguiu romper com as correntes das condições análogas à escravidão dos antigos seringais na Amazônia através da organização e do empoderamento comunitário.

“Temos a clareza que a organização comunitária, o fortalecimento das instituições e a forma responsável de usar os recursos naturais colaboram com a manutenção das matas. Entendemos que a floresta é mais importante e rentável em pé.”

- Manoel Cunha



Foto: revistatrip.uol.com.br

Marina Silva

Marina Silva, nascida em Rio Branco, Acre, é uma historiadora, professora, psicopedagoga, ambientalista e política brasileira renomada mundialmente por sua luta ambientalista, eleita pelo The Guardian como uma das 50 pessoas que podem salvar o planeta, ganhadora do Champions of the Earth, considerado maior prêmio da ONU na área Ambiental, premiada com o The Duke of Edinburgh's Award da ONG internacional WWF e o Eco & Peace Global Award.

Marina se define como negra e ambientalista, mas também tem sangue indígena, nascida no Acre no meio do seringal. Filha de pai negro com ascendência indígena, mãe descendente de portugueses, sobrinha de mateiro e xamã. Foi alfabetizada apenas aos 16 anos, e aos 26 se formou em História e tem especializações em teoria psicanalítica e psicopedagogia. Em sua carreira política foi a vereadora e em seguida a deputada estadual mais votada no município de Rio Branco em 1988 e 1990. Em 94 foi eleita a pessoa mais jovem a ocupar o cargo de senador no país, e em 2003 ocupou a cadeira de ministra do Meio Ambiente por 3 anos.

“Eu digo que a gente é arco e a gente é flecha, porque uma hora eu sou o arco que empurra a flecha em algumas coisas, principalmente nessa agenda ambiental. Mas noutra hora eu sou a flecha que é empurrada pelo arco de um outro lugar.”

- Marina Silva



Alessandra Korap Munduruku

Alessandra, nascida em Itaituba, no Pará, é uma das mulheres na linha de frente da defesa do território Munduruku no Médio Tapajós. Representante de mais de dez aldeias do Médio Tapajós, no Pará, foi a primeira mulher a presidir a Associação Indígena Pariri, vice coordenadora da Federação dos Povos Indígenas do Estado do Pará (Fepipa) e referência na luta indígena, atuando, principalmente, contra a invasão dos territórios indígenas no Brasil. Devido ao seu ativismo, em 2020, Alessandra recebeu o prêmio Robert F. Kennedy de Direitos Humanos, nos Estados Unidos, que há 37 anos homenageia figuras que lutam por causas sociais.

“O planeta não pode viver só na seca, o planeta também precisa saber que o meio ambiente somos nós, que nós que estamos na linha de frente para defender o meio ambiente, porque, se não formos nós, os povos indígenas, não existiria mais nenhum parque, nenhuma fauna, nenhum território para lutar”- Alessandra Munduruku



Jander Manauara

Jander é um rapper e articulador sociocultural pela Amazônia Urbana nascido em Manaus, Amazonas. Legítimo representante do hip hop amazonense e com 20 anos de trajetória na cena, Jander é conhecido por unir o rap com influências da cultura nortista e carregar suas letras de críticas sociais e muita conscientização ambiental.

Utiliza a música criada no ambiente de periferia amazônia como um instrumento de educação ambiental para chamar atenção para temáticas do meio ambiente como a preservação dos recursos hídricos, sobretudo os igarapés e corpos d'água urbanos, e utiliza a referência da poluição e da reciclagem como propostas de identidade visual dos seus mais novos trabalhos, o 'Do Rip Rap ao Flutuante', seu mais importante projeto gravado na sede do Programa de Restauração Ecológica e Urbanização Sustentável da Amazônia (Reusa), que mostra a história de Manaus através das águas (igarapés, rios e rip-raps) que refletem os sonhos e a resistência da população.

Atualmente é integrante da Associação Intercultural de Hip Hop Urbanos da Amazônia e atua como agente de transformação local em todo território da Amazônia Legal, responsável por diversas ações, principalmente, nas zonas periféricas da cidade de Manaus.

O rap tem muito essa pegada de ostentação. Mas a mensagem que eu queria transmitir é que hoje, ostentar é ser sustentável.” - Jander Manauara



Foto: Rodolfo Pongelupe

PRESENTE-FUTURO



Foto: mnemocine.com.br

Priscila Tapajoara

Priscila é nascida na cidade de Santarém, Pará, do povo Tapajó, um dos 13 povos da região do baixo rio Tapajós, mas de família formada por Tapajós e Tupinambás. É militante indígena e ativista climática, uma das coordenadoras do Mídia Índia e integrante do Coletivo Mulheres Indígenas - Lutar é resistir, em São Paulo.

Fotógrafa e cineasta, formada em Produção Audiovisual pela Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM, São Paulo, seu trabalho é pautado na defesa dos direitos dos povos indígenas. Atua como fotógrafa, diretora, diretora de fotografia, produtora, também como comunicadora buscando através de fotos e vídeos mostrar seu território de origem, com seus moradores, cotidiano, tradições, histórias, lutas e resistência.

“O filme que eu gostaria de ver seria um filme totalmente produzido por indígenas, seria uma coisa totalmente diferente, [...] chegou o momento de ocupar esses lugares e falar por nós mesmos.” - Priscila Tapajoara



Gabriel Santos

Gabriel Santos, ou Kenai como é conhecido, é nascido em Altamira, Pará. Tem 16 anos, cursa o ensino médio e criou o movimento Jovens Pelo Futuro do Xingu e, juntamente com outros jovens executa uma série de ações como o Xingu Limpo que promove a retirada de resíduos sólidos do Rio, separa em tipos de recicláveis e é levado para as cooperativas; também o Agrocestas do Xingu que promove a compra de alimentos orgânicos de reservas extrativistas locais para distribuir em bairros periféricos da cidade de Altamira, e o Escolas Pelo Futuro que promove o resgate da memória sobre a atuação dos grandes empreendimentos e seus impactos na história do município.

O movimento conta com um acari zebra como símbolo, uma espécie endêmica daquela região do rio Xingu, criando identidade, representatividade e ao mesmo tempo chamando atenção para a perda da biodiversidade amazônica frente aos impactos ambientais. Para Gabriel, uma das principais missões do grupo é engajar os jovens, mobilizar a esperança e a indignação em torno de atividades para preservar o Rio Xingu, defender o território de comunidades tradicionais e evitar o avanço do desmatamento.

“Estamos impactando diretamente na autoestima da juventude e também na disseminação de conhecimentos. Quando a gente dissemina uma ideia, não tem como a gente calcular qual o impacto daquilo, mas, por sermos jovens, por estarmos no ambiente escolar, acho que impacta de forma geral a sociedade, pois somos a próxima geração que vai viver as consequências das ações socioambientais.” - Gabriel Santos



Txai Suruí

Priscila é nascida na cidade de Santarém, Pará, do povo Tapajó, um dos 13 povos da região do baixo rio Tapajós, mas de família formada por Tapajós e Tupinambás. É militante indígena e ativista climática, uma das coordenadoras do Mídia Índia e integrante do Coletivo Mulheres Indígenas - Lutar é resistir, em São Paulo.

Fotógrafa e cineasta, formada em Produção Audiovisual pela Faculdade Paulus de Comunicação - FAPCOM, São Paulo, seu trabalho é pautado na defesa dos direitos dos povos indígenas. Atua como fotógrafa, diretora, diretora de fotografia, produtora, também como comunicadora buscando através de fotos e vídeos mostrar seu território de origem, com seus moradores, cotidiano, tradições, histórias, lutas e resistência.

“Meu povo vive na Amazônia há cerca de 6.000 anos. Meu pai (...) me ensinou que nós devemos ouvir as estrelas, a lua, os animais e as árvores. Hoje, o clima está aquecendo, os animais estão desaparecendo, os rios estão morrendo, e nossas plantas não florescem como antes. A Terra está falando, e ela nos diz que não temos mais tempo” - Txai Suruí



Samela Sateré Mawé

Samela nasceu em Manaus, Amazonas, e cresceu dentro da Associação de Mulheres Indígenas Sateré Mawé, entidade criada por Zenilda Sateré. A organização promove o artesanato feito pelas mulheres do povo e o protagonismo político dessas lideranças. Desde pequena, frequenta reuniões e marchas do movimento indígena. Na Universidade, se uniu ao Movimento de Estudantes Indígenas do Amazonas e durante a pandemia, se tornou porta-voz dos produtos produzidos pela Associação de Mulheres Indígenas Sateré Mawé (AMISM). Além disso, começou a produzir conteúdos sobre as pressões da pandemia sobre o povo Sateré Mawé, fortalecendo a presença online da entidade e se tornando reconhecida nacionalmente. Atualmente, é uma referência em ativismo jovem na cidade de Manaus, tomando propriedade da pauta de mudanças climáticas e alinhamento do conhecimento tradicional e científico.

“Não tem um momento da nossa vida em que a gente escolhe sermos ativistas dos direitos humanos, dos direitos dos Povos Indígenas, ativistas ambientais. A gente nasce e todas essas causas se entrelaçam no nosso dia a dia,” aponta. “É uma palavra nova para descrever o que a gente já faz há muito tempo.”

- Samela Sateré Mawé



Foto: perfil pessoal Instagram

Vitória Pinheiro Galvão

Vitória Pinheiro, nascida na periferia de Manaus, Amazonas, é uma jovem ativista climática e inovadora social. Afro-indígena e travesti, lidera a Palmares Action Lab, organização de juventude que cria tecnologias e iniciativas que avancem justiça social a comunidades vulneráveis. Em 2021 foi nomeada pela ONU como Ponto Focal na América Latina e Caribe na CYCSC -Constituinte de Crianças e Juventudes em Comunidades Sustentáveis e em 2022 escolhida junto de 11 jovens de todo mundo como uma Jovem Líder da Comissão Europeia. Anterior a isso, estudou Políticas Públicas e Desenvolvimento Rural na UFRGS e tem um histórico de envolvimento com grupos de juventude e sociedade civil na produção de dados, artes, direitos humanos e participação política das juventudes.

“É sobre ser uma mulher no fim do mundo e poder dar passos ambiciosos, mesmo que pequenos, para construir novos caminhos e abrir espaços em direção à justiça social, racial e climática.” - Vitória Pinheiro



Foto: Rodolfo Pongelupe

Projetos para conhecer e engajar!

06

Proteja Amazônia

Proteja Amazônia é uma ação coletiva que, desde 2015, desenvolve junto às comunidades indígenas, ribeirinhas e assentados da reforma agrária ações de formação, diagnóstico de impactos socioambientais, denúncias sobre violações e vigilância territorial na região do baixo e médio rio Teles Pires, situado na bacia do Tapajós, entre os Estados do Pará e Mato Grosso. Essas ações articuladas junto ao Fórum Teles Pires geraram dossiês, estudos sobre as violações socioambientais, estratégias de responsabilização sobre as violações e narrativas que amplificam as vozes das comunidades.

Para saber mais siga: @protejaamazonia

Escola de Ativismo

A Escola de Ativismo é um coletivo independente constituído em 2011 com a missão de fortalecer grupos ativistas por meio de processos de aprendizagem em estratégias e técnicas de ações não-violentas e criativas, campanhas, comunicação, mobilização, e segurança da informação, voltadas para a defesa da democracia, dos direitos humanos e da sustentabilidade. O coletivo é formado por um grupo multidisciplinar de ativistas, que se organiza de maneira distribuída e não hierárquica, por meio de princípios orientadores em diversas regiões do Brasil.

Saiba mais em: escoladeativismo.org.br

SDSN Jovem Amazônia

Em 2015, a Rede de Soluções para o Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas lançou sua iniciativa oficial da juventude para capacitar jovens no mundo com o objetivo de criar soluções sustentáveis e duradouras para os problemas globais. A SDSN Jovem Amazônia, foi criada em 2016 e visa envolver jovens dos países da bacia amazônica na Agenda 2030, sendo protagonistas e proponentes de soluções para o desenvolvimento sustentável da região amazônica. A rede possui programas educacionais, voluntariado e promove ações presenciais em Manaus desde a sua criação, tendo enfoque na pauta climática e na mobilização da juventude amazônica na ocupação de espaços de fala e poder de ação.

Para saber mais siga: @sdsnamazonia

Projeto Dicara

Desde 2014, o Programa de Desenvolvimento Integral de Crianças e Adolescentes Ribeirinhas da Amazônia (Dicara), implementado pela FAS, é desenvolvido em Unidades de Conservação (UCs), comunidades rurais e áreas periféricas de municípios do interior, com o objetivo de fortalecer a autonomia e a autoestima da população de 0 a 17 anos de idade residente no estado do Amazonas. As ações e atividades do programa são estruturadas em três eixos: educação, saúde e cidadania, e buscam direcionar as crianças e adolescentes ribeirinhos para o enfrentamento de desafios vivenciados nas comunidades como evasão escolar, falta de oportunidades, exclusão digital, violência doméstica, exploração sexual e drogas.

Saiba mais em: fas-amazonia.org/

Jovens Pelo Futuro do Xingu

Coletivo socioambiental composto pela juventude do Xingu foi fundado em Altamira, no Pará e exibe um acari zebra como símbolo, uma espécie endêmica daquela região do rio Xingu, com a proposta de criar identidade, representatividade e ao mesmo tempo chamar a atenção para a perda da biodiversidade amazônica frente aos impactos ambientais. Uma das principais missões do coletivo é engajar os jovens, mobilizar a esperança e a indignação em torno de atividades para preservar o Rio Xingu, defender o território de comunidades tradicionais e evitar o avanço do desmatamento.

Para saber mais siga: @jovenspelofuturoxingu

Referências

BRANDT, Maurete. Os mosqueteiros do Médio Juruá. Plurale. Disponível em: <<https://www.plurale.com.br/site/noticias-detalhes.php?cod=16892&codSecao=>> Acesso em: 23 ago. 2022.

COIAB. Nota de apoio à jovem liderança indígena Txai Suruí. Coiab. 10 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://coiab.org.br/conteudo/nota-de-apoio-%C3%A0-jovem-lideran%C3%A7a-ind%C3%ADgena-txai-suru%C3%AD-1636580747924x542119122660753400>> Acesso em: 23 ago. 2022.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. Edição 24. dez, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>> Acesso em: 23 ago. 2022.

FONSECA, A., AMORIM, L., RIBEIRO, J., FERREIRA, R., MONTEIRO, A., SANTOS, B., SOUZA Jr., C., & VERÍSSIMO A. Boletim do desmatamento da Amazônia Legal (abril 2021) SAD (p. 1). Belém: Imazon. 2021.

GUEDES, Isabel. Mulher e quilombola: ela superou a fome e hoje é chefe em fundação. Jornal A Crítica. 10 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.acritica.com/mulher-e-quilombola-ela-superou-a-fome-e-hoje-e-chefe-em-fundac-o-1.45515>> Acesso em: 23 ago. 2022.

Jornal da USP. Ativista indígena destaca lutas e ameaças ao seu povo por defesa do meio ambiente. Jornal da USP. 26 de maio de 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/ativista-indigena-destaca-lutas-e-ameacas-ao-seu-povo-por-defesa-do-meio-ambiente/>> Acesso em: 23 ago. 2022.

LACOMBE, Milly. Marina Silva: O que vem depois do fim do mundo? Revista Tpm. 28 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/marina-silva-o-que-vem-depois-do-fim-do-mundo>> Acesso em: 23 ago. 2022.

MARINHO, Maiara. Rio de esperança. Gabriel Santos criou projeto para preservação do Rio Xingu e resgate da memória ambiental de Altamira. Uol. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/causadores-jovens-pelo-futuro-do-tingu-/#cover>> Acesso em: 23 ago. 2022.

MARTINS, Victoria. Samela Sateré Mawé: comunicação como ferramenta de luta da juventude indígena. In: Instituto Socioambiental ISA. 15 de agosto de 2022. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/samela-satere-mawe-comunicacao-como-ferramenta-de-luta-da-juventude>> Acesso em: 23 ago. 2022.

REDAÇÃO. Dia da Luta dos Povos Indígenas: nove perfis de ativistas para seguir. Revista

Cláudia. 4 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/noticias/luta-povos-indigenas-ativistas-para-seguir/>> Acesso em: 23 ago. 2022.

Redação. Rap: Jander Manauara lança DVD com canções sobre preservação ambiental e cotidiano amazonense. Portal Marcos Santos. 13 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.portalmarcossantos.com.br/2021/05/13/rap-jander-manauara-lanca-dvd-com-cancoes-sobre-preservacao-ambiental-e-cotidiano-amazonense/>> Acesso em: 23 ago. 2022.

Vozes da Floresta. Museu do Amanhã. Disponível em: <<https://fruturos.museudoamanha.org.br/amazonia-milenar/vozes-da-floresta/>> Acesso em: 23 ago. 2022.

O seringueiro que virou gestor de reserva símbolo de sustentabilidade. Info Amazônia. Disponível em: <<https://infoamazonia.org/webstories/o-seringueiro-que-virou-gestor-de-reserva-simbolo-de-sustentabilidade/>> Acesso em: 23 ago. 2022.

Entrevista: Manoel Cunha, presidente do CNS. WWF. 15 de outubro de 2009. Disponível em: <<https://www.wwf.org.br/?22280/Entrevista-Manoel-Cunha-presidente-do-CNS>> Acesso em: 23 ago. 2022.

Sobre o projeto

O projeto “Amazônia nas Eleições 2022” é feito por muitas mãos e mentes que sonham com um horizonte mais digno para a Amazônia e seus habitantes. Nosso ideal é estimular o diálogo entre a sociedade civil dentro e fora da Amazônia Legal e fortalecer a defesa socioambiental no território. Para termos, nos próximos mandatos, mais políticas pela conservação da floresta, com foco na agenda climática e na valorização da diversidade e defesa dos direitos dos povos indígenas e populações tradicionais.

A Fundação Amazônia Sustentável (FAS)

Fundada em 2008 e com sede em Manaus/AM, a Fundação Amazônia Sustentável (FAS) é uma organização da sociedade civil e sem fins lucrativos que dissemina e implementa conhecimentos sobre desenvolvimento sustentável, contribuindo para a conservação da Amazônia.

A instituição atua com projetos voltados para educação, empreendedorismo, turismo sustentável, inovação, saúde e outras áreas prioritárias. Por meio da valorização da floresta em pé e de sua sociobiodiversidade, a FAS desenvolve trabalhos que promovem a melhoria da qualidade de vida de comunidades ribeirinhas, indígenas e periféricas da Amazônia.

Confira os programas da FAS:

Programa de Gestão e Transparência (PGT)	Por meio de mecanismos e instâncias de gestão, o PGT atua junto à comunidade interna, com planejamento e avaliação de resultados de programas e projetos.
Programa Floresta em Pé (PFP)	O PFP está focado em quatro ações estratégicas: geração de renda, empreendedorismo, infraestrutura e empoderamento comunitário.
Programa Saúde na Floresta (PSF)	Resultado de ações da Aliança Covid Amazônia, o PSF qualifica o acesso à saúde, com políticas públicas e capacitações de profissionais da área.
Programa de Educação para a Sustentabilidade (PES)	Os trabalhos do PES são voltados à formação de crianças e adolescentes, garantindo oportunidades para uma educação mais inclusiva e de qualidade.
Programa de Soluções Inovadoras (PSI)	Com base em tecnologias sociais e soluções para a sustentabilidade desenvolve-se o PSI, cujos trabalhos focam em parcerias técnicas em PD&I.
Programa de Empreendedorismo e Negócios Sustentáveis (Pensa)	O PENSA auxilia empreendedores de comunidades ribeirinhas e indígenas com incubadora, cursos, oficinas e consultorias para gerir negócios inovadores e acessar créditos.



Manaus (AM)
Rua Álvaro Braga, 350 | Parque Dez | CEP 69055-660
(92) 4009-8900 | 0800 722-6459

São Paulo (SP)
Rua Madalena, 266 | Vila Madalena | CEP 05434-010

fas-amazonia.org

